

Recensão: LESSIG, Lawrence - *Cultura Livre: como a mídia usa a tecnologia e a lei para barrar a criação cultural e controlar a criatividade*. Trad. por Fábio Emílio Costa 2005.

Review: LESSIG, Lawrence - *Cultura Livre: como a mídia usa a tecnologia e a lei para barrar a criação cultural e controlar a criatividade*. Trad. por Fábio Emílio Costa, 2005.

Icaro Machado Ribeiro

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag19d1>

“Não há mais nenhuma chave que irá nos isolar dos efeitos provocados pela internet”. Acredito que esta seja a consideração mais potente que o livro traz consigo. E este nem é o objeto central da obra, embora seja o próprio arranque de toda a sua ação narrativa. *Cultura Livre* é um livro rigorosamente imperativo e legislativamente questionador. Lawrence dedica-se a arguir os direitos à distribuição de bens culturais e produção livre de trabalhos derivados, afinal, para o próprio, “a cultura seria mais rica se as leis que regulam os direitos autorais fossem mais flexíveis”.

Lawrence Lessig nasceu em 3 de junho de 1961, Dakota do Sul, nos Estados Unidos da América. Professor Furman de Direito e Liderança na Harvard Law School e membro da Academia Americana de Artes e Ciências, e da Associação Filosófica Americana, recebeu inúmeros prêmios, dentre eles, o Prêmio de Liberdade da Fundação de Software Livre, o Prêmio Fastcase 50. Em 2002, foi nomeado um dos 50 Melhores Visionários da *Scientific American*.

Diante dessa breve apresentação, está mais que esclarecido que Lessig é um defensor da redução das restrições legais sobre os direitos autorais, marcas registradas e espectro de radiofrequência, particularmente em aplicações tecnológicas. Em 2001, ele fundou a *Creative Commons*, uma organização sem fins lucrativos dedicada a expandir a gama de trabalhos criativos disponíveis para outros construírem e compartilharem legalmente.

Lawrence é advogado, e isso se reflete em sua escrita direta e convencionalmente arrojada. Ele apresenta as suas ideias e conceitos de forma prática, utilitária e objetiva, sempre contextualizando seus argumentos com fatos do passado, e assim, estruturar a opinião central de sua obra em narrativas factíveis que se inter cruzam com a grande importância e impacto que o fenômeno do avanço tecnológico gera na sociedade em geral, principalmente no consumo e produção de conteúdo na então “cultura livre”.

A obra de Lessig é dividida em quatorze capítulos que se ajustam as seis partes discursivas, sendo a última a conclusão da obra. Conceitos de “plágio”, “domínio público”, “pirataria”, “propriedade” e, principalmente, de “apropriação”, são combinados para se fazer entender e se justificar o estrondoso impacto (r)evolutivo que as recriações ou co-criações que o fenômeno “cultura livre” causam. Ou pelo menos deveriam provocar, já que na sua obra, Lawrence afirma que “a nossa cultura era uma cultura livre, mas está ficando cada vez menos livre” (p. 28).

Lessing tece interpretações acerca da criatividade Waltdisneyana¹ como uma forma de expressão e genialidade que é construída sobre a cultura que existe ao nosso redor, mas convertendo-a em algo diferente e novo. Afinal, o papel da cultura livre na tradição é levar a diante o conteúdo para além do material já produzido e sem restrições de sua distribuição intelectual como fonte de inspiração. Portanto, na cultura livre de Lessing, entende-se criatividade como algo que reproduz o novo de uma forma ainda mais nova, mas que parte de algo pré-existente. “Na natureza nada se cria, tudo se transforma” (Antoine-Laurent de Lavoisier).

Nesta obra, há muitas críticas ao sistema de produção e manuseio da cultura, mas, no fundo, o seu discurso me parece que também serve a logística liberal do sistema capitalizado: de que devemos regulamentar as produções intelectuais, capitalizando-as na ideia de que esta ação faz da cultura um bem ainda mais acessível e potente em todas as suas esferas.

Um ponto bastante relevante levantando – e justificado pelo autor –, é o impacto no combate a exclusão digital que a cultura livre defendida por Lessing afere. Na era digital, os meios de produção e consumo estão cada vez mais acessíveis ao público. A sociedade antes entendida enquanto mero “receptor cultural”, ou seja, passiva, está, gradativamente, se tornando protagonista cultural. Isso por que, segundo o autor, a cultura livre “impulsiona cada vez mais a expressão do eu” (pág. 36). No jornalismo – ou na comunicação digital em geral –, esse fenômeno é conhecido como os *prosumers*², que são aquelas pessoas que produzem e consomem informação com a mesma frequência. As suas opiniões carregam grande relevância, principalmente no *marketing* de produtos e *ecommerce*, que se apropriam dessas informações espontâneas para validar produtos e serviços.

Apesar disso, para o autor, a “falsa” cultura livre proposta pelo mercado capitalista, delimitada por leis aplicadas de forma distintas e que sempre favorecem a indústria do poder, acaba por controlar o que pode ser produzido, divulgado e consumido. É como se, no campo das ideias, tudo corresse solto, porém, cerceado por um espectro de leis moderadoras que sempre deve definir o que entra e o que sai. Um *gatekeeper* cultural. Ou seja, os limites de propriedades particulares devem seguir nomenclaturas impostas por interesses econômicos dos grandes poderosos que detêm a maior faixa de produção e dissolução da cultura. Afinal, os limites de propriedades particulares seguem nomenclaturas impostas por interesses que tendem a serem contra a popularização do processo – não do produto –, e sempre a favor do lucro empresarial.

Outra dialética bastante pertinente na obra, é a diferenciação entre cultura comercial e não-comercial. Percebo que, com a avanço das tecnologias de informação, está cada vez mais tênue a linha que separa esses dois polos, tornando-os, vulgarmente, produtos do mesmo saco. Em redes sociais como Tik Tok³ e na ferramenta *reels* do Instagram, que sobrevivem de conteúdos produzidos, em sua maioria, a partir do cotidiano de seus usuários,

¹ A faceta de adaptar histórias existentes e recontá-las de forma lúdica. Muitas das histórias das Disney na verdade são releituras de contos dos Irmãos Grimm e de tantos outros escritores antigos.

² <https://www.revistaebs.com.br/brand-experience/prosumers-consumidor-digital/>.

³ <https://medium.youpix.com.br/o-tiktok-está-moldando-nossa-cultura-605ede2ac80a>.

percebemos que existe uma comercialização cada vez mais significativa de culturas tidas como “não-comerciais”. Todo esse material *life style*⁴– sua personalidade pode ser sua marca –, gera lucro e engajamento nas plataformas. Como produto deste fenômeno, temos o *influencer digital*, pessoas comuns que, em questão de segundos, ganham relevância e têm a sua imagem capitalizada.

Vale ressaltar que as ideias argumentativas de Lessig são contextualizadas na sociedade americana dos Estados Unidos da América, ou seja, em um dos maiores – se não o maior –, países produtores, consumidores e exportadores de produtos culturais e dono dos maiores *streams* do mundo. As maiores plataformas de acesso e hospedagem de conteúdo, além de premiações e estatísticas, que servem como uma espécie de “termômetros do sucesso”, atuam nos EUA. Por isso, o número de reprodução e apropriação indevida de conteúdos tem um impacto ainda maior neste polo. Contudo, no Brasil, que se aproxima culturalmente mais do estilo de vida dos americanos estadunidenses do que qualquer outro país, muitas dessas produções são livremente “pirateadas” de forma impune e compartilhadas livremente pela web em *blogs* e afins.

Por fim, Cultura Livre, de Lawrence Lessig, é uma obra que agita, a partir de conceitos legislativos e contextualização de fatos com grande impacto na construção e difusão da cultura; mas que também luta pela democratização da produção cultural na Era digital. Para Lessig, devemos focar a nossa energia na alfabetização digital/midiática da sociedade.

Resumiria a obra na afirmação de que se trata de um grandioso estudo direcionado que escancara a guerra dos direitos autorais que oprime e limita cada vez mais os pequenos produtores. Quiçá, na busca pela relevância, a sociedade se tornará “meros copiadores” ou todo processo de organização e estruturação cultural é um exemplo exímio de pirataria?

Icaro Machado Ribeiro | up202204263@up.pt

Universidade do Porto - Faculdade de Letras, Portugal

⁴ <https://postgrain.com/blog/lifestyle-instagram-pessoal/>.